

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

O Dia do Médico

Guido Arturo Palomba

Médicos ou Medos originariamente eram indivíduos que habitavam a Média (ou Medo) e também a Pérsia, e lá, cinco séculos antes de Cristo, alguns tinham o hábito de ministrar cura aos enfermos necessitados. Às vezes iam às cidades vizinhas levar os seus bons ofícios, o que acabou, por assimilação, difundindo entre a população deste recuado tempo a crença de ser o Medo ou Médico indivíduo que ministra cura (A.F. VAZ). Com os anos, passou a caracterizar o indivíduo que pode restabelecer a saúde, que é diplomado em Medicina e a exerce.

Cura, nas idéias do cristão do primeiro século Estácio, tem bonita origem:

"Havendo chegado a deusa Cura a um rio, enxergou boa argila. Imaginando, pegou dela e começou a esculpir. Enquanto pensava em o que fazer com a obra chegou Júpiter, e Cura pediu-lhe que infundisse espírito na escultura. Júpiter acedeu ao pedido. Mas quando Cura quis que o nome da escultura fosse o dela, Júpiter não gostou e começaram a brigar. Nesse momento, a deusa Terra interveio e quis que o nome fosse o dela, uma vez que a escultura fora feita com argila, um pedaço do seu corpo. Os litigantes, então, tomaram Saturno por juiz, que proferiu a seguinte sentença, evidentemente muito justa: "Tu, Júpiter, porque lhe deste o espírito, te-lo-ás quando morrer; tu, Terra, que deste o corpo, recebe-lo-ás então, mas porque Cura foi quem esculpiu esse ser com ela ficará enquanto ele viver. Agora, quanto ao nome, se chamará **homo** (homem), porque foi feito de barro (húmus)".

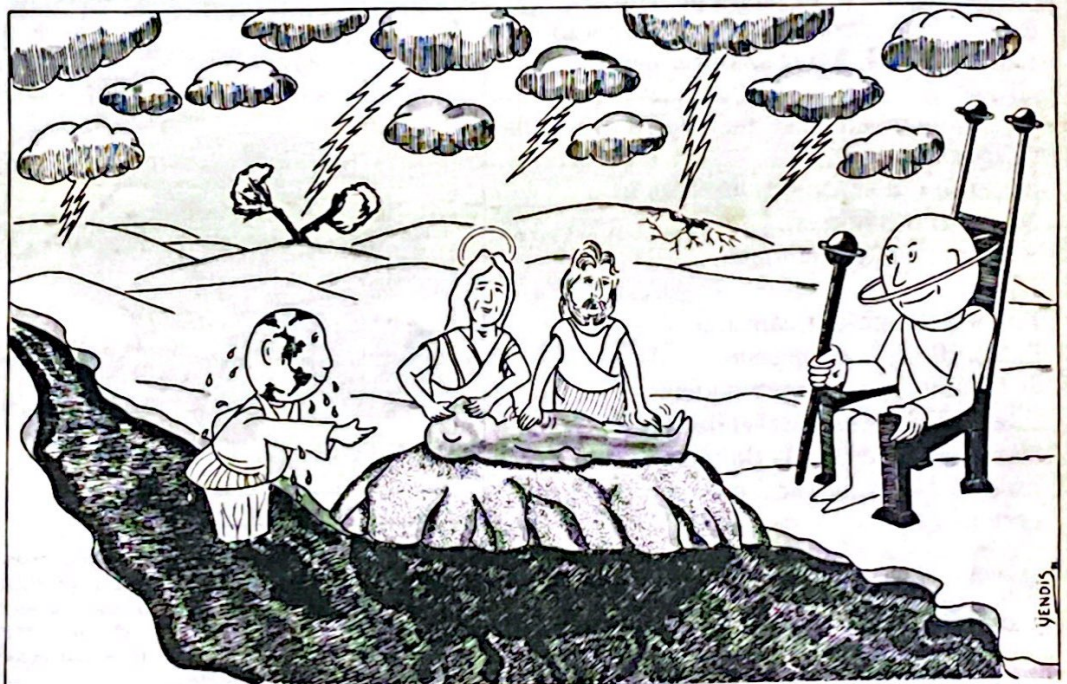
Cura quer dizer cuidado, preocupação; curar é tomar cuidado, preocupar-se com... Aí está a essência do

médico: preocupação com o enfermo, dedicação para que restabeleça a saúde, aliviando no sofrimento, confortando na dor.

Em 18 de outubro comemora-se o Dia do Médico, por ser o Dia de São Lucas, padroeiro nosso. A oficialização da data deve-se ao grande humanista médico Eurico Branco Ribeiro, que fez com que a sua palavra valesse para formar, junto às autoridades constituídas, no 18 de

e possessão demoníaca". Discípulo de São Paulo, que o chamava de "amado médico", seguiu os passos do mestre sem nunca ter se afastado. Em 57 ou 58 assistiu à prisão de Paulo em Cesaréia, acompanhando-o na viagem que o transferiu para Roma. Com a morte de Paulo nesse local, Lucas deixou Roma, e perdem-se os seus traços. Porém, a tradição atribui a ele a feitura do Terceiro Evangelho, "escrito em

ro, caminhos longos, para confortar corpo e alma de necessitados; médicos de hoje, cuja imprescindível abnegação acaba coroando de sucesso o mister de curar; médicos pesquisadores, que descobrem soluções para males incuráveis e dão bases científicas para que outros venham e façam mais; e ainda bisturi e kelly, mãos de cirurgiões a devolver vida e esperança a quem já quase não as tinha.



outubro, o amálgama composto de medicina-sacerdócio, de médico-apóstolo de Hipócrates e de Santo que protege e ilumina.

Lucas, luz, luminosidade, clarividência, energia agente da visão, tocha sempre viva, luzeiro da Medicina. Santo esculápio, nado em Antióquia, de família judaica, professou Medicina com sabedoria. Dotado de grande erudição, "seus escritos revelam conhecimentos de arte médica, cujo vocabulário, discretamente técnico e muito claro, fazia com precisão a diagnose diferencial entre doença

grego não homogêneo, quase clássico, cujo estilo está a revelar o médico e o literato que era" (apud S.F.R. Mons. Pio Paschini, in Enciclopédia Católica).

No quadro mais antigo que se conhece sobre Lucas (quarto século, encontra-se em Roma no Cemitério de Camnodilha), o halo de santo circunda a cabeça; nas mãos, um instrumento cirúrgico: Santidade e Medicina.

O dia de hoje (18 de outubro) nos faz lembrar médicos: os de antigamente, histórias verídicas de mata adentro, em lombos de bur-

Não há médico de fato que no íntimo não sinta a imensa responsabilidade de saber que a sua missão é a mais nobre e também a mais delicada de todas, pois, como diz o apotegma "opus divinum est sedare dolorem", e para que possamos chegar o mais longe possível nos nossos caminhos de luta contra as doenças, peçamos, independente de credo, religião ou fé, neste nosso dia, a bênção do Padroeiro da Medicina. Que ele possa guiar as mãos do cirurgião, a ciência do clínico e a consciência de todos.

Aos seguidores de Hipócrates

Francisco D'Aquino

Na sublime arte de curar
Nem sempre conseguida, mas sempre tentada
Da Magna Grécia um primórdio invulgar
A magia de Esculápio
E a Ética e o pensamento Hipocrático,

Das noites em claro ao pé do leito
Examinando, pensando, sofrendo junto
Sanado o mal, um suspiro no peito,

Inventaram máquinas, tecnologia avançada
Coisa engraçada
a intuição, o senso de observação
Só mesmo o homem
Somente ele tem emoção,

Passa o tempo e o cansaço
O acordar em sobressalto
A remuneração sempre aquém
E as calúnias, as falácias de alguém
Vai minando as fibras do guerreiro
Mas vem a experiência e o olho clínico,
certo,

E com o hálito gelado da morte
a convivência:

— "Vai-te daqui, horrenda,
Inda não foste chamada
ganharás a guerra é verdade
Mas perderás esta batalha"

E não desistirei, mesmo que os nervos
aflorem pois

"Divinum est sedarem Dolorem".

Paciente homenageia médico

Parabéns pelo seu dia, você médico, você amigo.

Eu o admiro e respeito pelo profissional que você é.

Assim o vejo. Ao servir aqueles que recorrem aos seus cuidados, na esperança da cura, na certeza que você transmite.

Que na busca do homem de branco encontrem todos o alívio

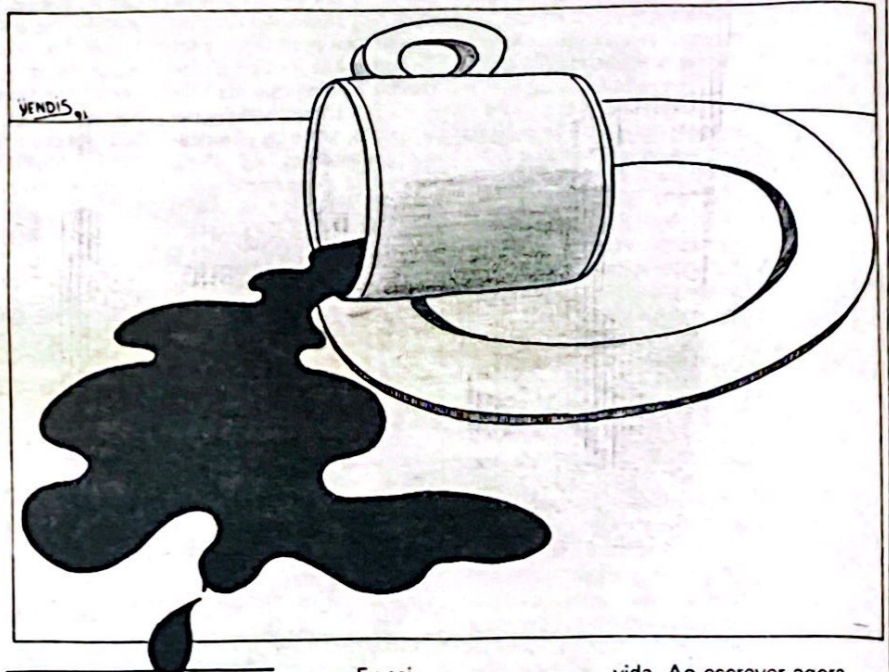
para a dor e palavras de conforto.

Que diante de você médico se faça sorrir a vida através do choro de criança.

Que Deus o abençoe no seu dia-a-dia. Mãos abençoadas que estejam sempre limpas, como a pureza da água e do branco que o completa.

J.R.M.

Carta ao Rosa



* Paulo Menotti Del Picchia

Um gesto meu à beira do
balcão do bar e
paafffs...sss.....

O irremediável, o
irrecorrível, o incontornável.
Nada mais a fazer, salvo
limpar o café derramado.
Quis explicar mas ele não
estava interessado. Não
bastou o que eu havia feito?
Olhei para o lado em busca
de ajuda e, aleluia, já ao
cruzarmos o olhar senti o
calor de sua compreensão.
Não estava mais só. Não há
nada que alivie mais as
dores da vida do que nos
sentir compreendidos por
outrem. Como analgésico,
não cura a causa mas alivia
os efeitos.

— Você viu?

— Vi.

— Eu estava tentando
ajudar e...

— Eu sei.

— Não creio que ele
tenha percebido minha
intenção e sei que não
importa, ninguém vai beber
mais aquele café.

O destino daquela porção
esta selado. Não vai ganhar
meu estômago, a cafeína
que ali havia não vai excitar
minhas energias. Suas
moléculas têm outro
caminho a percorrer até
fundirem-se às minhas,
quem sabe, na morte ao se
decompor meu corpo
novamente se reencontrem.

O mesmo fato vivido por
nós três, mas
inexoravelmente diferente
em seu significado para
cada um. A duração, a
importância, os
desdobramentos, tudo
diferente. Como é rica a

vida. Ao escrever agora,
distante dias, aquele ato
casual adquire novo
significado. Comprometi-me
com você de escrever sobre
ele. Para quê? Por que
escrever? Exercício de
narcisismo? Vontade de
partilhar minha vida? Fixar
um pouco mais um instante
fugidio e desimportante?
Bem, a princípio um simples
exercício de escrita.
Compromisso assumido,
compromisso cumprido.

* Carta escrita ao doutor Carlos
Alberto Pessoa Rosa, após um
incidente em um balcão de bar, um
pouco antes da morte do autor,
quando derrubou um copo de plásti-
co com café e, na tentativa de ap-
dar, jogou o copo e o restante do
conteúdo em um recipiente, pen-
sando que fosse a lixeira, sob o
olhar de incompreensão do balco-
nista. Ambos pertencem à nona tur-
ma da Faculdade de Ciências Méd-
cas da Santa Casa de São Paulo.

Medicina, história, folclore

Odilon Nogueira de Matos

A necessidade de consultar dois tópicos nos Melo Moraes - um sobre a "divisão do Império do Brasil em cinco monarquias confederadas", no primeiro; outro sobre Carlos Gomes, no segundo - sugeriu-me algumas considerações sobre os dois polígrafos bastante conceituados em certa época, mas praticamente esquecidos hoje. E se associo, no título desta crônica, três importantes áreas do conhecimento - a Medicina, a história e o folclore - é justamente porque foram as áreas nas quais, com maior ou menor intensidade, atuaram os dois ilustres escritores, com muitos traços comuns, mas também com tendências e inclinações diferentes.

Deles se poderá dizer que o pai eclipsou o filho. O velho historiador alagoano (1816-1882) deixou uma obra que, se não é das mais brilhantes da historiografia brasileira, é, contudo, das mais úteis, pois soube fundamentá-la com excelente embasamento documental. Sílvio Romero criticou-lhe a falta de método. Era homem de arquivo e, de posse de uma quantidade incrível de documentos, não soube, entretanto, dar-lhes o tratamento que uma boa metodologia exigiria. É ainda Sílvio quem diz que ele "se limitou quase a dar à estampa as riquezas que possuía". Ainda bem que o crítico sergipano empregou um "quase", que torna menos rigorosa sua observação.

A obra mais importante do velho Melo Moraes, "História do Brasil-Reino e do Brasil-Império", é quase um livro-fonte para conhecimento das épocas que estudou. Daí a sua utilidade e quase indispensabilidade. Nele há de tudo e certamente reside aqui a falta de método apontada por Sílvio Romero. Ainda bem que o livro traz índice, o que nem sempre ocorria com livros da época. Suas 1.200 páginas constituem quase que uma enciclopédia histórica, com transcrições integrais de documentos, além

de textos de diversos autores, nem sempre citados com a devida clareza e correção. É obra mais para consultar que para ler. Mas, é repositório imprescindível, reunindo informes dificilmente encontráveis em outro local. Foi publicada em 1871 e 1873 (dois volumes), e só mereceu reedição mais de cem anos depois, aliás uma bela reedição pela Itatiaia, de Belo Horizonte, em sua preciosa coleção "Reconquista do Brasil" (volumes 63/64, da nova série, 1982). Anote-se que, nas quatro "orelhas" das capas dessa reedição, vem reproduzido todo o verbete que, ao autor, dedicou Sacramento Blake em seu clássico dicionário bibliográfico, originalmente cinco páginas, arrolando mais de cinquenta publicações, algumas em

foi um dos pioneiros no Brasil, tendo redigido, na Bahia, entre 1850 e 1853, "O Médico do Povo", jornal destinado à propagação da Medicina homeopática. E dos seus quatorze títulos "médicos" arrolados por Sacramento, nada menos que dez tratam da Homeopatia. Outros versam sobre "as epidemias que assolaram a terra" (1873) e sobre a botânica brasileira "aplicada à Medicina" (1878). E ainda os outros dois, já citados, sobre as "paixões e afecções".

Vale, contudo, insistir que é como autor de trabalhos históricos que seu nome é lembrado hoje. Era vasto o seu interesse nesta seara: relações internacionais, movimentos políticos, diplomacia, militarismo, organização administrativa do país, biogra-

1876, foi precisamente a tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para a validação de seu diploma, uma vez que se formara na Bélgica. Mas nada mais escreveu sobre Medicina. Preferiu dedicar-se ao jornalismo, com incursões pela poesia, pela arte e pelo folclore. A cultura dos ciganos despertou-lhe muito interesse e foi dos primeiros, senão o primeiro, no Brasil, a escrever sobre esses grupos nômades. Tanto quanto a do pai, Sílvio Romero valorizou-lhe a obra. Vale a pena ler o tópico final do prefácio que escreveu para as "Festas e tradições populares do Brasil": "Por mais que tenha de ser acidentado o caminho do Brasil através dos tempos, quaisquer que tenham de ser as desilusões que o destino

meu tempo", de Melo Moraes Filho, publicada em 1904 pelo velho Garnier. O que levou o bom amigo de Poços a chamar minha atenção para o livro foi o extenso capítulo, que nele se insere, sobre Carlos Gomes. Nem imaginava que o autor baiano houvesse em alguma ocasião se ocupado do compositor campineiro. De fato, como observei posteriormente, raras são as referências a esse trabalho. É verdade que ele vem citado (e tal seria se não o fosse...) por Roberto Seidl no ensaio de bibliografia sobre Carlos Gomes, publicado em o número especial da "Revista Brasileira de Música", comemorativo do centenário do autor de "O Guarani", transcrito em 1936.

Contudo, o texto de Melo Moraes Filho continuava praticamente desconhecido, e foi esta circunstância (que comprovei devidamente) que me animou a reproduzi-lo integralmente em o número especial da "Notícia Bibliográfica e Histórica" (123), todo ele consagrado ao sesquicentenário de Carlos Gomes, publicado em 1986.

Gostaria, para terminar, de recordar alguma coisa deste segundo Melo Moraes, que anda bastante esquecido. E não fora uma recente edição, também pela Itatiaia, de suas "Festas e tradições populares", nem teríamos o que o recordasse. Nascido na Bahia em 1844 (ou 43, segundo algumas fontes), informa Raimundo de Menezes que teve de lutar com enormes dificuldades no início da carreira, devido à ruína financeira de seu pai. Pensou no sacerdócio, chegando a cursar o seminário e a receber ordens menores. Mas decidiu-se pelo jornalismo e nesta qualidade conseguiu ir para Londres dirigir um jornal brasileiro que aí se editava. Da Inglaterra foi para a Bélgica, onde se decidiu a fazer o curso médico. Retornando ao Brasil, apesar de defender tese para a validação de seu diploma, foi do jornalismo que se consagrou até o fim de sua vida, em 1919.

• Odilon Nogueira de Matos é membro das Academias Paulista de Letras e de História.

"A obra mais importante do velho Melo Moraes, 'História do Brasil-Reino e do Brasil-Império', é quase um livro-fonte para conhecimento das épocas que estudou. Daí a sua utilidade e quase indispensabilidade."

dois, três e até quatro volumes.

Divide-se sua obra entre a Medicina e a história. Esta sobrepujou aquela. Mas convém recordar que foi pela Medicina que começou e sobre temas médicos versam os primeiros quatorze trabalhos que publicou, iniciando-se a relação com a tese apresentada para obtenção do grau de "doutor em Medicina", "Considerações fisiológicas sobre o homem e sobre as paixões e afetos em geral", 114 páginas, publicada na Bahia em 1840. Retomou este assunto quase vinte anos mais tarde - "Fisiologia das paixões e afecções", em três volumes, publicados no Rio de Janeiro, em 1854/55.

No campo médico, sua maior contribuição foi em prol da Homeopatia, da qual

fias (em grande número), além de algumas obras gerais, do tipo das antigas corografias, que encerram informações preciosas sobre o Brasil. Se usei a expressão "autor de trabalhos históricos" para qualificá-lo, é porque, dentro da conceituação atual, dificilmente poderíamos considerá-lo historiador. Para isto se exigiria algo que não se encontra em suas páginas. Mas, diga-se a verdade, são páginas que nenhum historiador moderno poderá desprezar, pois em escritos dessa natureza é onde se abeberam muitos dos novos autores, embora nem sempre os citem...

Tal como o pai, o filho (1844-1919) também se formou em Medicina e o primeiro trabalho que publicou, em

lhe reserve, a nossa raça há de sobreviver no futuro e, quando os sonhadores do passado houverem de rastejar o fio de ouro de nossas tradições, os dois livros de Melo Moraes não de ser chamados a depor, como documentos autênticos, porque neles vive a grande alma deste País."

Quem me aproximou do segundo Melo Moraes foi meu querido e saudoso amigo dr. Leibnitz Tavares Hovelacque, distinto advogado e jornalista de Poços de Caldas, há pouco falecido. Visitando-o numa das minhas frequentes estadas na bela estância mineira, propiciou-me ele a oportunidade de conhecer raríssima obra de cuja existência, confesso, nem sequer suspeitava: "Artistas de

Carta a Ibrahim Nobre no décimo aniversário de sua morte

Coluna do livro

São Paulo, 8 de abril de 1980

Não escrevo a você em tom de lamento e muito menos pretendo evocar o fantasma dos dias que se foram.

Não falarei do ciclo de glórias comparando homens de hoje com homens de ontem. Tudo seria inútil, e a carta assumiria ares de réquiem.

Deixo que os sinos dobrem a intenção dos vivos que estão de braços cruzados, dos sobreviventes de si próprios, dos mornos e dos pusilânimes.

Não é hora de rezarmos pelos que partiram, mas de pedirmos por esses que jazem nos sepulcros do derrotismo e da subserviência.

Não quero olhar para o passado, quero que o passado olhe para nós, ou olhe por nós. Que acenda o inconformismo, ilumine passos, oriente a indecisão, fale por todos os silêncios!

Que a mão ancestral retire a venda de nossos olhos, a mordada de nossos lábios, o grilhão de nosso caminhar.

A crise que o mundo atravessa não justifica a crise de virtude que amargamos.

A inflação não deve ser a desculpa da desvalorização da moeda do caráter, nem a falta de petróleo pode significar a ausência desse combustível espiritual chamado vergonha!

Convivemos com as multinacionais desde a Companhia das Índias, e Fernando Noronha é o patrono dos exploradores de nossas riquezas.

As capitânias continuam hereditárias e a terra tem sido encoberta e não descoberta.

Meu caro Ibrahim, sua tribuna está vazia, seu povo cansado, São Paulo pedindo amor.

Sem verba e sem verbo, com dívida externa e dívida interna, restam apenas ligar a televisão e continuar a novela.

Caminhamos empacotados em aflição, Pindorama sofre de esclerose precoce. Falta de circulação de esperança e de irrigação de idéias.

De um lado a ignorância, do outro a burrice erudita. O barco afunda e os ratos roem a vocação de existir.

O ano passado comemoramos condignamente o cinquentenário da crise de 29.

Daqui a dois anos o seu 32 estará fazendo meio século, e aqueles que morreram jovens por uma Pátria mais adulta indagarão com suas bocas descarnadas e suas órbitas vazias:

— Mas foi para isso que nós morremos?

Alguém deve plantar verdade no vazio das plataformas. Há um complexo de inferioridade, um colonialismo mental, uma subserviência generalizada que precisam ser extirpados.

Há 50 anos alegavam que no velho regime até os mortos votavam. Estranho país onde os mortos votavam bem e os vivos não votam ou votam mal!

O povo não é apenas a palavra chave de todos os discursos e de todas as promessas. É a mais real das realidades, pois é carne que sofre, é fome que pede pão e justiça, é tristeza à procura de uma réstia de esperança.

É preciso que o Estado se adapte às necessidades do povo, que com o espírito do Leviatã iluminem-se as escolas e curem-se os enfermos; com seu corpo alimentem-se as multidões

famintas, e de sua força façam-se máquinas que beneficiem o campo e a cidade.

O Leviatã não deve devorar seus filhos, mas ser habitado por eles. Habitado com humanidade, com segurança, com paz, com dignidade.

A alma não cabe na memória dos computadores nem se enquadra no paraíso do consumo. O mistério do ser escapa às tecnocracias.

Que Bandeira me perdoe. Não quero ir para Passárgada nem ser amigo do rei. Quero amar a liberdade na vida que escolherei.

Ibrahim, em nome do amor à liberdade que você transmitiu a todos nós, da coragem e do civismo que você deixou no testamento de sua paixão, é que invoco sua presença no meio de tantas ausências.

Escrevo esta carta na areia de uma praia e assino meu nome na nuvem que passa.

Paulo Bomfim

Paulo Bomfim é membro da Academia Paulista de Letras.

Curso sobre História da Medicina

Os caminhos da Medicina, desde o deus greco-romano Esculápio até a chamada Medicina alternativa, serão analisados no Curso sobre a **História da Medicina**, que será ministrado pelo professor Carlos da Silva Lacaz, no período de 9 a 13 de dezembro, sempre a partir das 10h30, na Faculdade de Medicina da USP. O curso tem o patrocínio do Museu Histórico da Faculdade.

No dia 9, a aula abor-

dará "Medicina como 'ofício divino', Medicina do passado e do presente, Medicina alternativa, Medicina elitista, e a transcendência da arte divina". No dia 10, o tema será "O deus da Medicina (Esculápio ou Asclépio), o pai da Medicina (Hipócrates - 460a.C. - 380a.C.), juramento de Hipócrates, orações de Maimonides (1135-1204) e Jamil Almansur Hadad (1914-1988), e a coruja e a cobra como símbolos da Medicina".

Na aula do dia 11 serão abordados "Os lados humano e científico da Medicina, humanização da arte médica, Paracelso (1453-1541) e Claude Bernard (1813-1878), moral médica, compromissos de conduta, e os grandes críticos da Medicina (Molière e Bernard Shaw)". Tema do dia 12: "Médicos literatos, ensaístas, poetas, romancistas, educadores, cientistas e pesquisadores, e a Medicina experimental no Brasil - Os-

waldo Cruz e Vital Brasil".

O curso será encerrado no dia 13 com "Um pouco sobre a Faculdade de Medicina da USP, grandes expressões da Medicina do passado, e o privilégio de viver a Medicina". A seguir, haverá uma visita ao Museu Histórico da Faculdade. As inscrições deverão ser feitas no Departamento de Microbiologia e Imunologia da Faculdade, com Creusa Siqueira.

Os professores José Roberto de Albuquerque Fortes e Walter Nelson Cardo lançaram recentemente o livro **Alcoolismo, Diagnóstico e Tratamento**, ed. Sarvier. É uma obra indispensável a quem pretende conhecer o alcoolismo e suas manifestações biopsicossociais. Em verdade, é um tratado completo sobre a matéria.

Escrito em colaboração com vários mestres de escol e sabença, aborda desde a parte histórica até os aspectos éticos e médico-legais da doença, revendo, em profundidade, definições, conceitos, distúrbios bioquímicos, comprometimentos hepáticos, pancreáticos, infecciosos, carenciais, metabólicos etc., desse terrível mal que assola grande número de pessoas.

A parte psiquiátrica não dispensa minudência alguma ao descrever as principais manifestações psicopatológicas que soem ocorrer nos bebedores. **Alcoolismo e Depressão, Alcoolismo e Ansiedade, Alcoolismo e Suicídio, Alcoolismo e Adolescência** são alguns dos temas expostos à luz de doutrinas clássicas, sem extremismos ou ideologias esdrúxulas e estéreis. O livro é excelente.

O ilustre acadêmico, médico, beletista e historiador Lycurgo de Castro Santos Filho, depois de ter acumulado preciosa documentação, deu ao público e para proveito de todos o opúsculo **Reminiscências do Ginásio São Joaquim**, de Lorena, publicação da Academia Campinense de Letras, n.º 48.

Obra de rara beleza cultural e literária, aborda interessantes aspectos do tradicional Ginásio São Joaquim, na segunda década deste século. O autor gentilmente cedeu um exemplar para a nossa biblioteca, o qual se encontra à disposição dos interessados. **G.A.P.**

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon } Tertulia
Carlos Kleber Canova }

Cássio Ravaglia - Divulgação
Heber Maia Matos - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca
Walter Pinheiro Guerra - Biblioteca

Nelson Pedral Sampaio } Pinacoteca
Wanda Gonda }